

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
CURSO DE TURISMO

SARA DE MOURA XAVIER

**PRAÇA HELIODORO BALBI: UM ESTUDO DO LOGRADOURO PÚBLICO
COMO POTENCIALIDADE TURÍSTICA**

MANAUS

2022

SARA DE MOURA XAVIER

**PRAÇA HELIODORO BALBI: UM ESTUDO DO LOGRADOURO PÚBLICO
COMO POTENCIALIDADE TURÍSTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso como requisito para obtenção do título de bacharel em turismo do curso de Turismo da Escola de Artes e Turismo – ESAT da Universidade do Estado do Amazonas – UEA.

Orientadora: Prof^a. Tur^a. Márcia Raquel Cavalcante Guimarães, Dra.

MANAUS

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

X3p Xavier, Sara de Moura

Praça Heliodoro Balbi: Um estudo do logradouro público como potencialidade turística / Sara de Moura Xavier. Manaus : [s.n], 2022.

68 f.: color.; 7 cm. TCC - Programa de Bacharelado Acadêmico em Turismo. - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2022. Inclui bibliografia.

Orientador: Márcia Raquel Cavalcante Guimarães

1. Introdução/Problematização. 2. Fundamentação Teórica. 3. Metodologia. 4. Resultados. 5. Considerações Finais.

I. Márcia Raquel Cavalcante Guimarães (Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Praça Heliodoro Balbi: Um estudo do logradouro público como potencialidade turística

SARA DE MOURA XAVIER

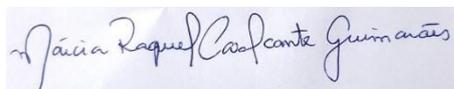
**PRAÇA HELIODORO BALBI: UM ESTUDO DO LOGRADOURO PÚBLICO
COMO POTENCIALIDADE TURÍSTICA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Grau de Bacharel em Turismo da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e aprovado, em sua forma final, pela Comissão Examinadora.

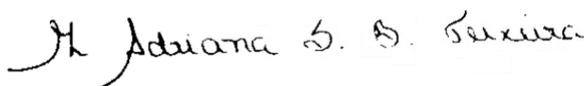
Aprovado em 19/10/2022

Nota Final = 9.8

BANCA EXAMINADORA



Tur^a. Márcia Raquel Cavalcante Guimarães, Dra.
(Universidade do Estado do Amazonas - UEA)



Maria Adriana Teixeira, Dra.
(Universidade do Estado do Amazonas - UEA)

Lúcia Cláudia Santos, Esp.
(Universidade do Estado do Amazonas - UEA)

AGRADECIMENTOS

Dedico esse trabalho à minha família. À minha mãe, que mesmo não existindo mais nesse plano, sei que nunca me deixou faltar amor, suporte e confiança. Ao meu pai e irmãos, obrigada por terem sido apoio para que eu pudesse trilhar esse caminho. Também agradeço à Deus por não me deixar desistir.

Ao meu eterno "OT4" Larissa, Layssa e Tatiane, sei que ainda não é um livro, mas obrigada por lerem minha fanfic. Obrigada pelo suporte que só a amizade de vocês, mesmo depois de tantos anos, conseguiu me confortar.

À Daniele Magalhães, obrigada por toda ajuda e por sempre me ouvir e encorajar a seguir em frente.

À Rayssa Silva, por me aturar a mais de incontáveis anos e ser minha parceira de pegar vira-latas de rua pra cuidar.

Às minhas amigas universitárias Kamilla, Juliana, Eloiza, Ane, Raíssa e Maria Vitória. Obrigada por toda essa jornada acadêmica repleta de experiências que compartilhamos. Um obrigada especial à Kamilla por ter sido minha parceira de trabalhos e vida durante todos esses anos de ESAT.

À minha parceira de estágios e minha outra metade, Victoria Tavares, obrigada por todos os "Tiktoks" e por sempre compartilhar do mesmo pensamento que eu diariamente. Obrigada por toda ajuda na conclusão desse trabalho. Um obrigada à Claire Cianne, que também me proporcionou ajuda nesse trabalho.

À Elsa Maria e Nena, por não saírem do meu pé e serem as cadelas mais doidas e amorosas desse mundo.

À minha orientadora, Marcia Raquel, por ter me inspirado e auxiliado da forma mais gratificante e calorosa. Lembrarei desse trabalho eternamente.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo identificar a potencialidade turística de uma praça enquanto logradouro de uma cidade. Nessa investigação, a Praça Heliodoro Balbi (Manaus, Amazonas) foi o principal objeto de estudo, assim como seu entorno. Assim sendo, o principal objetivo foi: analisar a atratividade turística do logradouro público Praça Heliodoro Balbi. E quanto aos objetivos específicos: resgatar a historicidade da Praça Heliodoro Balbi e a relação com o patrimônio edificado protegido do seu entorno; avaliar a infraestrutura turística e de apoio do logradouro e seu entorno; e interpretar os elementos que integrariam a possível potencialidade turística da Praça Heliodoro Balbi. Quanto aos procedimentos metodológicos, a pesquisa é de natureza qualitativa com determinação exploratória. A coleta de dados foi aplicada a partir da técnica de observação com consulta em acervo documental como internet e livros físicos. O instrumento de coleta de dados utilizado foi elaborado com base na Ficha de Observação de Guimarães (2021), contendo elementos interpretativos sistematizados tornando possível analisar o logradouro como um elemento da atratividade turística. Os dados apontam que existe potencialidade turística na praça, cabendo ao poder público o desenvolvimento do turismo urbano na cidade de Manaus. Contudo, os resultados possibilitaram visibilidade à logradouros na cena turística não abrangendo somente o patrimônio edificado, mas também o patrimônio urbano a partir de todo o suporte e historicidade existente.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço Urbano; Patrimônio Urbano; Logradouros; Praças.

ABSTRACT

The research aims to identify the tourist potential of a square as a public place in a city. In this investigation, the Heliodoro Balbi Square (Manaus, Amazonas) was the main object of study, as well as its surroundings. Therefore, the main objective was: to analyze the tourist attractiveness of the public place Heliodoro Balbi Square. And as for the specific objectives: to rescue the historicity of Praça Heliodoro Balbi and the relationship with the protected built heritage of its surroundings; evaluate the tourist and support infrastructure of the public place and its surroundings; and interpret the elements that would integrate the possible tourist potential of Heliodoro Balbi Square. As for the methodological procedures, the research is qualitative with exploratory determination. Data collection was applied from the observation technique with consultation in documentary collections such as the internet and physical books. The data collection instrument used was prepared based on the Guimarães (2021) Observation Form, containing systematized interpretive elements, making it possible to analyze the square as an element of tourist attractiveness. The data indicate that there is tourist potential in the square, and it is up to the government to develop urban tourism in the city of Manaus. However, the results allowed visibility to public places in the tourist scene not only covering the built heritage, but also the urban heritage from all the existing support and historicity.

KEYWORDS: Urban Space; Urban Heritage; Public Places; Squares.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vista do Palacete Provincial	26
Figura 2: Formação do Regime Militar na "Praça da Constituição"	27
Figura 3: Pavilhão São Jorge ou Café do Pina da década de 50	29
Figura 4: Crianças brincando na Praça Heliodoro Balbi na década de 60	30
Figura 5: Museu de Arqueologia	32
Figura 6: Museu Tiradentes da Polícia Militar do Amazonas	33
Figura 7: Exposição Flagrantes da História	34
Figura 8: Segundo salão do Museu de Numismática de Bernardo Ramos	35
Figura 9: Primeiro salão do Museu de Numismática de Bernardo Ramos	35
Figura 10: Pinacoteca do Estado do Amazonas	36
Figura 11: Museu de Imagem e Som do Amazonas	37
Figura 12: Jardins e árvores	39
Figura 13: Lixeiras	39
Figura 14: Calçadas danificadas	40
Figura 15: Poste de iluminação pública	40
Figura 16: Piso tátil	43
Figura 17: Recuo para cadeirantes improvisado na calçada	43
Figura 18: Rampas e escadas de acesso	44
Figura 19: Presos em regime semiaberto limpando a Praça Heliodoro Balbi .	45
Figura 20: Gramado da praça com falhas	45
Figura 21: Lago da praça com sujeiras	46
Figura 22: Coreto e escultura "Diana, a caçadora" na Praça Heliodoro Balbi.	49
Figura 23: Escultura "O cão e o Javali" na Praça Heliodoro Balbi	49
Figura 24: Escultura "A ninfa" na Praça Heliodoro Balbi	49

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Etapas da Pesquisa.....	22
Quadro 2: Serviços e equipamentos de apoio ao Turismo na Praça Heliodoro Balbi	47
Quadro 3: Diagnóstico turístico da Praça Heliodoro Balbi.....	51

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	4
1.1	PROBLEMÁTICA DE PESQUISA	5
1.2	JUSTIFICATIVA	5
1.3	OBJETIVOS	6
1.3.1	Objetivo Geral	7
1.3.2	Objetivos Específicos	7
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
2.1	O ESPAÇO URBANO NO CONTEXTO TURÍSTICO	8
2.2	PATRIMÔNIO CULTURAL EDIFICADO E URBANO	12
2.3	PRAÇA X LOGRADOURO: ELEMENTO DE ATRATIVIDADE TURÍSTICA E DO ESPAÇO URBANO PÚBLICO	16
3	METODOLOGIA	20
3.1	FORMA DE ABORDAGEM	20
3.2	OBJETIVOS METODOLÓGICOS	21
3.3	COLETA DE DADOS	21
3.4	PROCEDIMENTOS TÉCNICOS	22
4	RESULTADOS	25
4.1	CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRAÇA HELIODORO BALBI E SUA RELAÇÃO SOCIAL COM O ENTORNO	25
4.2	ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DA PRAÇA HELIODORO BALBI ENQUANTO POTÊNCIA TURÍSTICA	38
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
	REFERÊNCIAS	56
	APÊNDICE	60
	Apêndice A - Ficha Observacional dos Logradouros	60

1 INTRODUÇÃO

Pode-se entender o turismo como a atividade socioeconômica que tem como fator significativa a sua dimensão territorial. Neste contexto, deve-se levar em conta o turismo como um consumidor do espaço onde o turista desloca-se entre um lugar e outro. Apesar da grande abrangência de segmentos que existem dentro do conceito da atividade turística, o espaço urbano acaba sendo favorável a estes deslocamentos por suas características socioculturais e infraestrutura como aspectos atrativos. Cruz (2001) reflete que o principal objeto de consumo do turismo é o espaço, sobretudo tratando-se do espaço urbano por representar a quase totalidade do fluxo turístico mundial.

Logo, o espaço urbano nesse cenário é representado por um conjunto de sistemas e diversas características que o compõem no viés da atividade turística. De acordo com Boullón (2002), apesar de turismo e espaço não apresentarem o mesmo significado, ambos se complementam por este espaço ser consequência da presença e distribuição territorial dos atrativos turísticos. O mesmo autor aponta os elementos deste espaço turístico urbano, os dividindo em: logradouros, marcos, bairros, setores, bordas e roteiros.

No caso deste estudo, pretende-se entender a importância dos logradouros públicos para a atividade turística. Diante disso, para Boullón (2002), os logradouros são os espaços abertos ou cobertos de uso público, onde o residente da cidade e o turista podem entrar e percorrer livremente. Como exemplos pode-se citar: um parque, um zoológico, uma feira, um mercado, e até mesmo uma praça.

Os logradouros desempenham um papel importante na sociedade, principalmente praças, ruas e avenidas, podendo haver lazer, encontros e atividades diversas. Contudo, estes logradouros também carregam história e elementos simbólicos para a diversidade do lugar onde existem que, por sua vez, acabam sendo despercebidos pelos residentes e, principalmente, turistas.

1.1 PROBLEMÁTICA DE PESQUISA

A contextualização desde o espaço turístico urbano até os logradouros acaba por tentar entender a complexidade do objeto de estudo deste trabalho: a praça Heliodoro Balbi.

O logradouro público Praça Heliodoro Balbi, popularmente conhecido como “Praça da Polícia”, foi um dos planejamentos que ocorreu na cidade de Manaus no ano de 1890, quando o período áureo da borracha trouxe oportunidades econômicas de mudanças estruturais e organizacionais na cidade. Oficialmente inaugurada em 1907 pelo coronel Adolpho Lisboa, o local obteve várias nomeações diferentes por seus diversos contextos até o seu nome atual. Ao que compõem a sua arquitetura, assim como em outros locais na cidade, seguiu a base europeia que a Belle Époque propunha. (AGUIAR, 2002).

Nesse cenário, o estudo busca analisar a atratividade da praça pela razão de toda a sua historicidade e também por carregar em seu perímetro um relevante patrimônio cultural edificado para a cidade de Manaus. A partir disso surge a seguinte problemática: ***Existe potencialidade turística na Praça Heliodoro Balbi?***

1.2 JUSTIFICATIVA

Entende-se que o turismo no espaço urbano, especialmente em praças — neste momento caracterizadas por logradouros públicos —, exerce uma função democrática onde as atividades turísticas podem ser realizadas por qualquer indivíduo que tenha interesse em utilizar o espaço para essa ação. Deste modo, por ter essa função democrática, os residentes locais e turistas podem ter a oportunidade de experiências de enriquecimento cultural, como afirma Marcellino (2000), quando entende o turismo como uma prática de oportunidade de conhecimento e enriquecimento da sensibilidade e da percepção social.

Um logradouro público (ruas, avenidas ou praças) é um espaço de livre acesso, onde as pessoas estão possibilitadas da ação de ir e vir a qualquer momento. Apesar de ser um espaço onde, de alguma forma o uso dele é diário, poucas vezes o logradouro terá a infraestrutura adequada para a realização de

atividades e entretenimento nele. Considera-se importante a boa estrutura do espaço para a realização da atividade turística em um logradouro, e até mesmo a existência de elementos atrativos para estimular o sentimento de querer usufruir.

Este estudo busca analisar as características relevantes que uma praça, enquanto logradouro público, pode ter para ser conhecida enquanto potencialidade turística. Boullón (2002) caracteriza a praça como um elemento do espaço turístico. Em vista disso, na praça existem variados elementos da sociedade e é também lugar de articulação entre os diversos estratos sociais. Além da contemplação sociocultural, Boullón (2002) afirma que a praça pode estar voltada ao lazer contemplativo, convivência da população, lazer esportivo, recreação infantil e lazer cultural.

A escolha da Praça Heliodoro como objeto de estudo se justifica por toda a sua carga histórica e cultural que um dia teve, e como esse fator pode ser importante para o turismo na cidade de Manaus. A análise mostra-se relevante a partir do momento que pode trazer benefícios econômicos e culturais para o local, além de auxiliar a promover o sentimento de pertencimento, reintegração e sensibilização da população para com a praça, uma vez que nela existem indícios de vandalismo e prostituição.

Sendo assim, entende-se a necessidade de investigação sobre as potencialidades que existem na praça e como elas seriam importantes para um futuro planejamento de atividades turísticas no local.

1.3 OBJETIVOS

Geralmente, o objetivo geral existe como uma pergunta de modo afirmativo que se iniciará com um verbo no infinitivo. Enquanto os objetivos específicos serão uma forma de detalhar o objetivo geral proposto. Todas as informações coletadas a partir desses objetivos irão possibilitar a obtenção para a pergunta problema (JACOBSEN, 2016).

Para que a problemática de pesquisa possa ser elaborada com maior exatidão, neste trabalho são apresentados um objetivo geral e três objetivos específicos.

1.3.1 Objetivo Geral

Para responder à pergunta problema foi elaborado um objetivo geral no qual sua finalidade é analisar a atratividade turística do logradouro público Praça Heliodoro Balbi.

1.3.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos foram concebidos da seguinte forma:

1. Resgatar a historicidade da Praça Heliodoro Balbi e a relação com o patrimônio edificado protegido do seu entorno;
2. Avaliar a infraestrutura turística e de apoio do logradouro e seu entorno;
3. Interpretar os elementos que integrariam a possível potencialidade turística da Praça Heliodoro Balbi.

1.4 ESTRUTURA TEXTUAL

O trabalho foi dividido em cinco tópicos, sendo o último as Considerações Finais. Iniciando com a Introdução onde encontram-se os subtópicos Problemática de Pesquisa, Justificativa, Objetivo Geral e Específicos.

No segundo tópico encontra-se a Fundamentação Teórica dividida em três subtópicos. Consequente, encontra-se a Metodologia dividida em: forma de abordagem, objetivos metodológicos, coleta de dados e procedimentos técnicos. O quarto tópico encontra-se os resultados divididos em dois tópicos, e, finalizando o trabalho, o quinto tópico finaliza o trabalho com as Considerações Finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A organização da revisão bibliográfica foi distribuída em três tópicos para a contextualização dos conceitos envolvidos, e conseqüentemente para o melhor entendimento e desenvolvimento do estudo.

De início, busca-se entender a atividade turística na esfera espacial urbana, desde o conceito geral de espaço até a compreensão da inserção do turismo neste âmbito como atividade consolidada. Para assimilar o espaço urbano foi imprescindível o uso de autores como Santos (1988), Lefévre (1999), Castrogiovanni (2000), Dias (2003), Carlos (1994), Cruz (2001) e, primordialmente, Roberto Boullón (2002). O destaque para Boullón (2002) surge com seu específico estudo sobre o espaço turístico e todos os seus elementos, sendo de suma importância para o desenvolvimento do estudo de uma forma integral.

Por conseguinte, busca-se analisar o patrimônio cultural e logradouros de modo com que se encaixe na perspectiva do estudo em questão. Ou seja, trata-se do logradouro inserido no conceito de patrimônio. Deste modo, os autores escolhidos para a compreensão dos conceitos tratados foram Santos (2009), Chauí (2000), Barretto (2003), Choay (2006), e de forma conectiva, os autores Giovannoni (1931) e Boullón (2002). Giovannoni (1931) acaba por ser o destaque desse tópico por implementar um conceito distinto que se encaixa na busca proposta do que seria o patrimônio urbano.

2.1 O ESPAÇO URBANO NO CONTEXTO TURÍSTICO

Para compreender o espaço, deve-se entender a correlação de conceitos que envolvem o estudo e podem ser essenciais para o entendimento da questão proposta onde, neste caso, é imprescindível conceituar especificamente sobre o espaço urbano e como a atividade turística se insere nele.

Alguns estudos têm preferência por trilhar uma linha de raciocínio onde pretende-se analisar a diferença entre cidade e espaço urbano. Dessa forma, segundo Santos (1988) e Lefévre (1999) apud Siviero (2006), a cidade é a forma e a materialização de determinadas relações sociais, enquanto que o espaço urbano é o conteúdo e a materialização no espaço das próprias relações sociais.

Entende-se que o espaço urbano é uma paisagem que foi construída com o decorrer dos anos pelo homem, incluindo características e formas estruturais que descrevem e organizam a forma de vida de uma sociedade. Esse espaço é a consequência da dinâmica social que permite a formação de um cotidiano na vida dessas pessoas.

Castrogiovanni (2000) citado Murta (2008) entende que:

O espaço deve ser visto como um fator da evolução social, portanto, produzido e reproduzido constantemente. O movimento histórico é que constrói o espaço, que é uma instância da sociedade, portanto, como instância, contém e é contido pelas demais instâncias. As cidades são partes representativas da complexidade que é o espaço geográfico. As instâncias móveis das cidades, ou seja, os fluxos, são importantes, pois são eles que dão vida aos fixos. Os turistas, papel que assumimos quando estamos em movimento no espaço, fazem parte dos fluxos. Eles não são meros observadores deste espetáculo de interações, mas parte dele. Os fluxos também interagem, formam resistências, aceleram mudanças, criam expectativas, desconstruem o aparentemente rígido cenário urbano (CASTROGIOVANNI, 2000, p.24 *apud* MURTA, 2008, p. 4).

Quando se pensa no cenário urbano, analisa-se a forma que Carlos (1994) propõe que este espaço seja referente não só aos meios de produções econômicas, mas que também seja composto por questões sociais, políticas e ideológicas. Estes elementos existentes no espaço urbano proporcionam o desenvolvimento de atividades econômicas, principalmente a atividade turística. Entretanto é necessário que a área também tenha possibilidades de um conjunto de serviços para que a atividade tenha sucesso.

Teoricamente, ao pensar no turismo, logo relaciona-se ao urbano, tratando esse destino como busca principal da atividade turística. Ou seja, o turismo resplandece na área urbana por ser um consumidor de espaço, sendo assim, se complementam por desencadear uma cadeia estrutural: o turismo se apropria do espaço urbano utilizando de sua infraestrutura e serviços diversos. Nesse contexto, Boullón (2002, p. 79) destaca que “o espaço turístico é consequência da presença e distribuição territorial dos atrativos turísticos que, não devemos esquecer, são a matéria-prima do turismo.”

Por meio das palavras do autor, se compreende que o espaço turístico é o local onde esse fenômeno ocorre a partir das relações sociais, tendo em vista que existem diversas interpretações e que de maneira estrutural impactam o

modo como a cidade se prepara para essa atividade econômica. Na linha de pensamento de Boullón, a melhor maneira de determinar o espaço turístico é de forma empírica ao “observar a distribuição territorial dos atrativos turísticos e da planta, a fim de detectarmos os agrupamentos e as concentrações que saltam à vista”. (BOULLÓN, 2002, p. 80).

A partir dessas observações e baseando-se em estudos de Lynch (1997), Boullón (2002) determina que essa paisagem urbana, sendo turística ou não, é definida por seis categorias de análise: logradouros, marcos, bairros, setores, bordas e roteiros. Analisar toda a relação entre a paisagem do espaço urbano é crucial para compreender a forma que o turismo consegue se inserir utilizando de pequenas categorias distribuídas pelo espaço de uma forma geral.

Uma vez que existem distribuições espaciais, limitando-se ou não ao turismo, Dias (2003) compreende que a distribuição espacial do turismo no território brasileiro se define por: litoral, urbano e campo. Nesse contexto, considera-se o urbano como o mais antigo por sua carga cultural, destacando os interesses em gastronomia, história, museus e eventos variados. O supracitado autor ainda destaca como o turismo urbano tem independência, diferente de outros segmentos, por não depender de climas ou de sazonalidade.

Considerando, novamente, que o turismo é a atividade econômica que seu principal objeto é o espaço, a autora Cruz (2001) conclui que:

Nenhuma outra atividade consome, elementarmente, espaço, como faz o turismo e esse é um fator importante da diferenciação entre turismo e outras atividades produtivas. É pelo processo de consumo dos espaços pelo turismo que se gestam os territórios turísticos (CRUZ, 2001, p.17).

Cruz (2001) *apud* Murta (2008) indicam três situações distintas envolvendo o turismo e o urbano:

- a. A condição urbana antecede o aparecimento do turismo, ou seja, o turismo se insere em um ambiente não construído especialmente para ele.
- b. O processo de urbanização é, de forma simultânea, um processo de urbanização turística do local.
- c. O processo de urbanização ocorre posteriormente ao aparecimento do turismo, como uma de suas consequências.

Ou seja, não existiu especificamente uma urbanização turística, porém uma urbanização onde o turismo conseguiu se inserir como consequência de todo o processo de distribuição social e econômica. Pode ser que em algumas localidades existam planejamentos e políticas públicas voltadas ao turismo, ou pode ser que aconteça de forma espontânea devido à valorização da localidade (CRUZ, 2001).

Portanto, o complexo sobre espaço urbano turístico aponta para um cenário onde a atividade turística aparece como uma possibilidade dentro de uma enorme área com diversos elementos prontos para serem usados como forma de lazer para dezenas de pessoas. A partir dessas análises, o objeto desse estudo se insere no que foi conceituado como um elemento da paisagem urbana e é um lugar intencional de práticas sociais, manifestações de vida urbana e da permanência de acontecimentos (LAMAS, 1993).

Sendo uma categoria de análise do espaço urbano, a praça Heliodoro Balbi pode ser caracterizada como um espaço turístico por oferecer a estrutura necessária que faria um turista, ou morador local, elevar um olhar diferenciado e perceber as práticas de lazer turísticas que podem ser realizadas no espaço. O local, apesar de conter elementos não pertencentes à região, também é um ambiente oriundo da história e originalidade da população local.

É importante destacar o processo que determina a praça como um espaço urbano turístico pois ela também oferece à população a possibilidade de desfrutar de espaços abertos que estimulam a circulação de pessoas, a prática de exercícios físicos e a contemplação do espaço urbano. Esta interação permite que a população sinta prazer em fazer parte do espaço urbano, e instiga os mesmos a cuidar e amar este ambiente, fazendo com que a cidade constitua o equipamento mais apropriado para que o lazer possa se desenvolver (MARCELLINO, 2002).

Nesse viés, a paisagem urbana, seja ela edificada ou não, carrega consigo informações significantes que podem fazer com que a realidade de determinada região seja mais representativa. Posto isso, os atributos e a dinâmica local são as peças primordiais da motivação turística e também pode ser apontado como um dos principais recursos que uma cidade pode conter, e as interações com o turismo são apenas consequências que o espaço turístico urbano pode vir a ter. A partir disso, surge a importância de envolver o espaço

urbano na percepção de patrimônio incluindo também o objeto de estudo deste trabalho neste âmbito.

2.2 PATRIMÔNIO CULTURAL EDIFICADO E URBANO

Para entender o patrimônio de uma cidade, seja ele material ou imaterial, deve-se levar em consideração as manifestações de sua história. Todos esses referenciais históricos compreendem a identificação e apropriação do ser humano enquanto indivíduo pertencente a um lugar.

De forma geral, patrimônio representa uma herança que conta a história de uma sociedade em comum, ou seja, que herda do passado ou que é criada no presente podendo manter-se em memória ou preservado sendo transmitido para gerações futuras (SANTOS, 2009).

Marilena Chauí (2000) destaca que a memória acaba se tornando uma construção social e afetiva, e isso serve de suporte nesse processo de caracterização de uma sociedade. A autora foca no papel da memória coletiva como um conjunto simbólico de lembranças, onde, diante disso, a identidade social pode ser construída.

Neste sentido, a memória acaba sendo um objeto de preservação onde o patrimônio é mantido por meio do sentimento de pertencimento que uma sociedade pode sentir sobre o mesmo. Muitas vezes esse patrimônio pode vir a se mostrar se forma edificada ou não. Portanto, existe uma necessidade ampla de conceituar o patrimônio cultural e suas características incluídas em material ou imaterial, porém, isso não limita as definições que patrimônio pode ter.

O conceito de patrimônio, ao longo dos anos, passou por um processo de amplificação e modificação e foi conceituado por Zamin (2006) como algo nômade e dinâmico.

Foi a partir da Revolução Francesa em 1789 que houve uma necessidade de proteção dos bens significativos e representativos que se mostravam ameaçados pelas lutas civis, e dessa forma foi criada uma comissão de preservação de patrimônio nacional francês. Com isso, passaram-se a preservar os monumentos e edifícios, pois neste período a percepção de patrimônio surgia da representação nacionalista. Deste modo, a França acaba por se tornar o primeiro país a estabelecer uma estrutura institucional de conservação de

patrimônio edificado (CASTRIOTA, 2009). Anico (2005) documenta que, com a Segunda Guerra Mundial, houve destruição em massa principalmente no continente europeu, e isso marca um novo processo de revitalização fazendo com que seja crucial a reconstrução de monumentos.

Pode-se perceber que a identificação e valorização do presente ocorre decorrente da preservação do passado, assim como Chauí (2000) afirma que a memória é um objeto de preservação onde o patrimônio atua como agente que liga o passado com as identidades coletivas.

No Brasil, o avanço da historicidade do patrimônio cultural mescla-se com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). Rodrigues (2006) alega que sua origem é decorrente de dois fatos que ocorreram no século XX: Semana de Arte Moderna (1922) e a instauração do Estado Novo (1930). Após estes fatores, já na década de 1920, a temática sobre a preservação de patrimônio se introduziu politicamente no Brasil. A partir disso, surgiu uma preocupação com a possibilidade de perda do patrimônio, e então a imprensa escrita fez uma série de denúncias que possibilitaram a visibilidade ao abandono de cidades históricas (RODRIGUES, 2006).

Consequente, o Governo Federal cria a legislação para salvaguardar o patrimônio histórico nacional. De acordo com FUNARI e PELEGRINI (2006), a Constituição de 1934 bloqueou a saída de obras artísticas do território brasileiro e atenuou o direito de propriedade das cidades históricas mineiras. À vista disso, esse entendimento deu início aos tombamentos no Brasil, constituídos pelo Decreto/Lei nº 25/1937 como o principal instrumento jurídico de proteção patrimonial.

De uma forma aprimorada, o Governo Brasileiro entende o patrimônio cultural como:

Um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis (núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais) e móveis (coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos) (BRASIL, 2022).

O termo patrimônio no Brasil foi ampliado com o passar dos tempos pois a perspectiva antropológica constituiu-se para que a noção de patrimônio cultural

nacional fosse expandida, e então com este processo a noção de cultura passou a englobar manifestações populares e a cultura em massa.

Com o desenvolvimento do SPHAN e toda a conceitualização de patrimônio no Brasil, todo o processo quanto ao que seria conhecido como “patrimônio imaterial” futuramente, recebeu um conceito mais amplo consagrado pela Constituição Federal de 1988. A partir da nova constituição, o tombamento passou a ser entendido como um dos instrumentos de proteção patrimonial, onde os bens culturais não dependeriam mais do ato de tombamento para serem integrados ao patrimônio (SOUZA FILHO, 2011).

De acordo com Rodrigues (2006), a Constituição de 88 foi determinante para a atual situação de patrimônio cultural vigente, onde são incluídos tanto os bens materiais quanto bens imateriais, individuais ou coletivos, que possuam vínculo com a identidade nacional.

Todas as definições populares de patrimônio incluíam somente formas as físicas, porém, com a evolução do campo de possibilidades históricas, começaram a dar oportunidades para a vida cotidiana e suas nuances onde o patrimônio cultural passou a ser também “[...] utensílios, hábitos, usos e costumes, crenças e formas de vida cotidiana de todos os segmentos que compuseram e compõem a sociedade.” (BARRETTO, 2003, p. 11).

Diante disso, apresenta-se dessa forma o patrimônio cultural imaterial como as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas. Esse é o patrimônio que é passado de geração em geração, e que é produzido constantemente na sociedade em função de seu ambiente. É dessa forma que a identidade será formada contribuindo com a diversidade cultural e criatividade humana (UNESCO, 2003).

O patrimônio cultural edificado surge em meio às conceituações, sendo reconhecido como um bem cultural que é produzido por uma determinada população. Souza (1982) *apud* CHIAROTTI (2005) aponta que tanto bens móveis quanto imóveis construídos pelo homem podem ser classificados como Patrimônio Artístico e Histórico Nacional. Dessa forma, pode-se declarar que o patrimônio edificado é um bem imóvel produzido pelo homem, onde por muitas vezes se encontra centrado em um núcleo urbano.

Em um contexto urbanístico, Choay (2006) destaca uma amplificação do conceito de patrimônio, dessa vez abrangendo não somente o patrimônio

edificado, mas também todo o complexo urbano. A autora faz uma análise em cima dos estudos de Gustavo Giovannoni (1873-1947), autor com importantes contribuições acerca do patrimônio urbano. Para Françoise Choay, a perspectiva de patrimônio urbano foi construída a partir da nostalgia dos parisienses ao ver urbanistas como Haussmann promoverem aberturas de grandes avenidas, removendo a caracterização de cidade antiga. Choay (2006) divide a construção dessa nova perspectiva de patrimônio em: memorial, histórico e o historical.

- Memorial: Representado por Ruskin com a ideia de integração da cidade em uma perspectiva histórica. O autor não achava conveniente sucumbir as cidades pré-industriais às transformações da industrialização;
- Histórico: Representado por Sitte, que visualizava a beleza apenas em cidades pré-industriais, antigas e barrocas;
- Historical: Representado por Gustavo Giovannoni, que faz parte da historiografia do patrimônio e do urbanismo.

Giovannoni contribuiu para a noção de preservação da cidade como um patrimônio a partir de seus planos diretores para a Itália e sua colaboração com a legislação referente ao patrimônio do país. Foi ele quem popularizou a expressão "patrimônio urbano", sendo também o pioneiro em considerar a preservação dos tecidos urbanos tradicionais no conceito urbanístico (CHOAY, 2011). Em seu livro "Vecchie Città Ed Edilizia Nuova" (GIOVANNONI, 1931), o autor ressalta que os elementos urbanos, como as cidades, as vilas, as praças, as vias, e os jardins constituem em si um monumento.

Giovannoni também considera esses elementos integrantes do patrimônio urbano como organismos vivos integrados à sociedade. Consequentemente, estes elementos possuem um "valor de uso" além função "museal", que existia em algumas interpretações do período (GIOVANNONI, 1931).

Posto isto, existe a necessidade de explorar acerca desses elementos do espaço urbano, especificamente sobre as praças — objeto de pesquisa deste estudo — que também integram os logradouros de Boullón (2002). Deste modo, o próximo tópico busca analisar os logradouros inseridos nesse espaço urbano, englobando sua importância como também um elemento de atratividade turística.

2.3 PRAÇA X LOGRADOURO: ELEMENTO DE ATRATIVIDADE TURÍSTICA E DO ESPAÇO URBANO PÚBLICO

Os logradouros são espaços de uso público, podendo ser abertos ou cobertos, onde turistas ou o próprio morador da cidade podem utilizá-los. Esses logradouros são representados por elementos comuns que são possíveis de serem observados diariamente, como uma feira, um mercado ou uma praça. Estes componentes fazem parte do que seriam os elementos morfológicos do espaço urbano (BOULLÓN, 2002; LYNCH, 1997).

Sendo assim, o espaço público pode ser definido como um espaço de acessibilidade aos cidadãos, permitindo manifestações socioculturais a partir do lazer, recreação, liberdade de circulação, etc. Tendo em vista que estes espaços públicos necessitam de infraestrutura adequada para sua utilização diária e de visitação turística, existe a importância da presença de serviços adequados associados também aos atrativos turísticos. Boullón (2002) nomeia esse espaço como “espaço turístico” e são:

Consequência da presença e distribuição territorial dos atrativos turísticos que, não devemos esquecer, são a matéria-prima do turismo. Este elemento do patrimônio turístico, mais o empreendimento e a infraestrutura turísticas, são suficientes para definir o espaço turístico de qualquer país (BOULLÓN, 2002, p. 79).

Além dos aspectos turísticos, um logradouro geralmente encontra-se na área central de uma cidade e seus traços mostram as marcas das histórias e tradições que ocorreram no local. Locais estes que estabeleceram uma identidade própria apesar de possuir nomes derivados de personalidades ou acontecimentos, e acabaram por fazer sua própria singularidade. Ou seja, um logradouro também contribui para o conhecimento histórico, já que na maioria destes locais consta fatos históricos e culturais que marcaram a vida de uma parcela de moradores.

Nesse sentido, as praças são elementos não-edificados que fazem parte do patrimônio urbano de Giovannoni (1931) e dos logradouros de Boullón (2002). Elas valorizam a paisagem urbana com seus referenciais estéticos e simbólicos da cidade onde estão localizadas e integram todos os elementos da sociedade. Boullón também define a praça como uma pequena área nítida na cidade, porém

com importante função na formação de imagem turística do lugar (BOULLÓN, 2002).

O autor Silva (2016), em seu estudo sobre a qualidade do espaço público, destaca a análise da tipologia e funções das praças para melhor entender a qualidade referente ao logradouro e seu aproveitamento para a experiência turística. Partindo disso, Silva (2016) destaca que estes estudos podem ser encontrados em trabalhos diversos, como, por exemplo: Matas Colom et al., (1983); De Angelis, De Angelis Neto, Barros & Barros (2005). E dessa forma, é possível classificar as praças de acordo com a função que desempenham. Levando em consideração a sua tipologia, as praças podem ser definidas como: praça de significação simbólica, de significação visual, de circulação e recreativa.

A praça com significação simbólica é de grande destaque para a cidade e exerce claramente a noção de marco urbano e, muitas vezes, de apropriação e pertencimento, pois também possui muitos elementos que a diferem como território e lugar. Sendo assim, ela é revestida de símbolos sociais, políticos, econômicos e culturais. A praça com significação visual não se resume apenas em si, mas por algum destaque monumental ou edificação que está vinculada a ela. A praça com significação de circulação é aquela que, devido à sua localização, transforma-se em um lugar de passagem obrigatória de veículos e/ou pedestres. Por fim, a praça com significação recreativa é aquela que se reconhece pelo desenvolvimento de atividades de entretenimento, passeio, repouso ou encontro (MATAS COLOM et al., 1983) *apud* (SILVA, 2016).

Da mesma forma que existe a classificação da praça a partir de suas tipologias, também é possível que ela tenha funções para quem a utiliza e para quem mora nas proximidades. Geralmente, as praças podem se destacar pelas funções seguintes: função ecológica, estética, psicológica e simbólica (DE ANGELIS, DE ANGELIS NETO, BARROS & BARROS, 2005) *apud* (SILVA, 2016).

A função ecológica das praças não destaca apenas a presença de vegetação local, mas também o fato de promover melhorias às condições climáticas da cidade, e a partir disso, a melhoria de vida da população. Além disso, causa a aproximação da noção social ecológica e a capacidade do espaço em contemplar os desejos e necessidades do público (DE ANGELIS, DE

ANGELIS NETO, BARROS & BARROS, 2005; NUCCI, 2001) *apud* (SILVA, 2016).

Por conseguinte, a função estética destaca-se sobre a diversificação da paisagem construída e do embelezamento da cidade e está diretamente ligada a significação visual, onde deve ser ressaltada a importância da vegetação e do mobiliário urbano (SOUZA & GÂNDARA, 2013). A função psicológica está relacionada com os exercícios de lazer e recreação nestas áreas que proporcionam relaxamento e repouso para pessoas que buscam contatos com elementos físicos e espirituais (DE ANGELIS, DE ANGELIS NETO, BARROS & BARROS, 2005; NUCCI, 2001) *apud* (SILVA, 2016).

Por fim da caracterização das funções, existe a função simbólica onde Silva (2016) destaca que:

Ao pensar no papel de um elemento que compõe, interage, referência e harmoniza o ambiente circundante, se percebe que a praça adquire uma conotação simbólica, onde o observador/usuário a apreende na memória enquanto ponto de referência (SILVA, 2016, p. 4).

De acordo com Casseti e Lietti (1995) *apud* De Angelis et al. (2005) as praças são definidas como um lugar fundamental da vida social e atuam na qualidade de vida social. Spirn (1995) *apud* De Angelis et al. (2005) salienta que as praças são lugares para ver e ser visto, para comprar e fazer negócios, para passear e fazer política. Zuliani (1995) *apud* De Angelis et al. (2005) entende a praça como um ponto de concentração de ruas e teatro de todas as forças sociais, eixo de cada movimento. Concluindo estes conceitos, todos os autores levam a explicar a praça enquanto espaço urbano público de lazer e de convivência social.

Em tempos antigos, as praças tinham uma função cheia de expressões, onde não se limitavam somente à sua existência como ponto de comércio ou estacionamento para automóveis. Essa mudança de significados deu-se por conta da globalização no qual distanciaram a coletividade social e se aproximaram do privado em uma dimensão familiar, se não, até mesmo ao isolamento individual (DE ANGELIS *et al.*, 2005).

É notável que todo o processo de caracterização da praça enquanto logradouro de um patrimônio urbano deixou-se a entender que esse espaço público proporciona lazer e qualidade de vida para moradores e visitantes. Por

ser um espaço de livre acesso, é possível analisar o convívio de pessoas com diferentes costumes e isso se encaixa no que Marcellino (2000) destacou sobre o turismo ser uma atividade cultural de lazer e oportunidade de conhecimento.

Conseqüentemente, esse logradouro se caracteriza como uma atratividade turística apesar de ser confundido como apenas um lugar de passagem rápida ou conexão para outros monumentos edificadas. Apesar de seu conceito o levar até essa atratividade turística, muitas vezes existe a negligência da falta de infraestrutura e cuidados com a limpeza do espaço apagando sua imagem como espaço de lazer, e não obstante, sua historicidade acaba sendo esquecida da mesma forma.

Diante disso, é visível que existe a necessidade de estudar as formas que esses elementos se integram na atividade turística com as diversas possibilidades físicas integradas à história e cultura do lugar.

3 METODOLOGIA

A metodologia é o instrumento para a elaboração da pesquisa científica, por meio dos procedimentos, e que tem por objetivos buscar a solução de um determinado problema.

Segundo Minayo (2007) *apud* Gerhardt; Silveira, (2009) a metodologia é definida como uma discussão epistemológica sobre o caminho do pensamento, onde o tema ou o objeto de investigação requer a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e dos instrumentos operativos que devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação.

3.1 FORMA DE ABORDAGEM

A pesquisa é vista como uma prática de busca constante que define um processo intrinsecamente inacabado, e que faz uma combinação particular entre teorias e dados. Também é definido como um conjunto de ações e propostas que pretendem descobrir a solução de algum problema por base de metodologias sistemáticas (MINAYO, 1993).

De acordo com Silva e Menezes (2001, p. 20) existem vários tipos de classificações para as pesquisas, mas as formas clássicas de apresentá-las são as classificando em: pesquisa básica e pesquisa aplicada.

Esta pesquisa, quanto a sua natureza, classifica-se como uma pesquisa aplicada, pois, segundo Gil (1999) a pesquisa aplicada visou:

Gerar conhecimentos para aplicação práticos voltados à solução de problemas específicos da realidade. Envolve verdades e interesses locais. A fonte das questões de pesquisa é gerar soluções potenciais para os problemas humanos. A pesquisa aplicada refere-se à discussão de problemas, empregando um referencial teórico de determinada área de saber, e à apresentação de soluções alternativas (GIL, 1999, p. 19).

Tratando-se da forma de abordagem do problema, a pesquisa pode ser classificada como quantitativa e qualitativa. A pesquisa quantitativa baseia-se em traduzir em números as opiniões e informações, para a partir disso classificar e analisá-las. Já a pesquisa qualitativa “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito” (SILVA; MENEZES, 2001, p. 20), ou seja, o vínculo entre esses elementos não pode ser traduzido em números.

Posto isto, o estudo apresenta uma abordagem qualitativa pois existe uma interpretação de fenômenos tendo o ambiente, nesse contexto aplicando a Praça Heliodoro Balbi, como fonte de coleta de dados.

3.2 OBJETIVOS METODOLÓGICOS

Quanto aos seus objetivos, a pesquisa apresenta uma determinação exploratória, já que buscou-se compreender e ter familiaridade com o problema para construir hipóteses (GIL, 1991).

A pesquisa exploratória é realizada principalmente em áreas de pouco conhecimento acumulado e sistematizado, por isso é de grande importância para ampliar o conhecimento geral sobre o assunto. Desse modo, é um tipo de pesquisa que existe para descrever melhor a raiz do problema até alcançar seus objetivos (VERGARA, 2000).

Silva (2007) concorda que a pesquisa exploratória é usada sobretudo como primeira etapa para que o pesquisador possa se familiarizar com o que está sendo investigado. Ela pode ser considerada uma importante forma de produção de hipóteses que poderão ser testadas em futuras pesquisas.

3.3 COLETA DE DADOS

Posteriormente, a coleta de dados deve ser aplicada para que proporcione uma relação com os objetivos propostos para que assim as propostas da pesquisa possam ser alcançadas. Em primeiro plano a investigação foi classificada de acordo com os tipos de coleta observados por Creswell (2007) apud Guimarães (2021):

1. Observação: onde foi registrado, no dia 27 de setembro de 2022, as atividades no local da pesquisa, no qual foi utilizado um tipo de protocolo observacional. Para isso, foi-se usado como exemplo a ficha observacional encontrada na tese "Turismo Urbano e Logradouros: Olhar interpretativo das avenidas em centros históricos na perspectiva de conjunto", disponibilizado pela turismóloga e professora doutora Márcia Raquel Cavalcante Guimarães. Alguns dos itens analisados nessa ficha foram essenciais para a obtenção de resultados finais do estudo, como, por exemplo: tipificação do logradouro, descrição da pavimentação, fluxo, acessibilidade e etc;

2. Documentos: o estudo qualitativo também utiliza dos meios documentais para a coleta, sejam eles por documentos privados ou públicos. O artigo de destaque para o desenvolvimento dessa pesquisa é reconhecido como

“Elementos do espaço turístico urbano no processo de planejamento: Reflexões teóricas e articulações” de Ana Paula Siviero, e novamente, a tese “Turismo Urbano e Logradouros: Olhar interpretativo das avenidas em centros históricos na perspectiva de conjunto”. Ambos utilizam de orientações necessárias para o norteio qualitativo observador;

3. Material de áudio e visual: além das técnicas usuais citadas, as fotografias, fitas de vídeo ou objetos de artes também são de suma importância tratando-se da observação no viés do estudo. Deste modo, foram utilizados registros fotográficos antigos e atuais da Praça Heliodoro Balbi para que a análise pudesse ser feita por um olhar divergente.

A figura abaixo contém os procedimentos elaborados de forma simplificada para que, de forma estratégica, fosse possível alcançar os objetivos propostos.

Quadro 1: Etapas da Pesquisa

<p>1. Coleta de Dados: Fontes Bibliográficas; Pesquisas secundárias; e Pesquisas Documentais.</p>	<p>2. Coleta de Dados: Observação dos fenômenos físicos para análise do logradouro.</p>
<p>4. Análise e apresentação de dados: Interpretação das informações obtidos a partir das observações.</p>	<p>5. Resultado Final: Análise da hipotética potencialidade turística da Praça Heliodoro Balbi.</p>

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

3.4 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS

A pesquisa, quanto aos seus procedimentos técnicos, também pode ser classificada como bibliográfica, documental, experimental, levantamento, estudo de caso, pesquisa ex-post-facto, pesquisa-ação e pesquisa participante. Este estudo tem cunho bibliográfico e documental pois, de acordo com Vergara (2009), a pesquisa bibliográfica é o estudo sistematizado e desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, internet, e todo o material acessível ao público. Já a documental, segue o mesmo conceito que a pesquisa bibliográfica, porém sem o tratamento analítico (GIL, 1999).

Quanto aos métodos de uma pesquisa, eles podem ser classificados como dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo, dialético e fenomenológico. Estes

métodos científicos são um conjunto de processos que se devem empregar na investigação. O método dedutivo pode ser aplicado nesse estudo pois ele tem como objetivo explicar o conteúdo das premissas. E chega-se a uma conclusão por intermédio de uma cadeia de raciocínio em ordem descendente e de análise do geral para o particular (GIL, 1999; LAKATOS; MARCONI, 1993).

A técnica utilizada nesta pesquisa qualitativa é a de observação. A observação se fez presente desde a formulação do problema, construção de hipóteses e até para a coleta de dados (NUNES, 2017). Esta técnica pode ser dividida em:

- Observação Assistemática: não tem planejamento e controle previamente elaborados;
- Observação Sistemática: tem planejamento, e pode ser realizada em condições controladas para responder à proposta estabelecida;
- Observação Não-participante: o pesquisador presencia o fato, mas não participa;
- Observação Individual: realizada por apenas um pesquisador;
- Observação em Equipe: realizada por um grupo de pesquisadores;
- Observação na Vida Real: os dados podem ser registrados na medida em que ocorrem;
- Observação em Laboratório: onde os dados podem ser controlados.

A observação pode ser apontada como uma técnica onde são colhidos as impressões e os registros acerca de um determinado fenômeno observado, através de instrumentos que auxiliem o processo de observação, visando assim colher dados suficientes para a realização da pesquisa (Moura, Ferreira & Paine, 1998).

Para Gil (2000), o método de observação se caracteriza como a maneira mais adequada visto que se identifica por um mínimo de intervenção do pesquisador no campo de estudo. Já para Fachin (2002), a observação é um procedimento fundamental enquanto processo que o pesquisador se empenha empiricamente, pressupondo poder captar com precisão os aspectos essenciais para a pesquisa.

Partindo disso, o presente estudo tem como princípio os procedimentos baseados nos autores Marconi e Lakatos (2009), onde, além da pesquisa bibliográfica indireta, foram utilizadas as técnicas de Observação Não-

participante (como foi detalhado anteriormente, o pesquisador observa e não se integra com a realidade estudada). Para o alcance dos objetivos, a princípio, as primeiras análises feitas partiram da consulta bibliográfica secundária no qual foi primordial na busca dos devidos assuntos abordados, tendo como incentivo todo o acervo documental e bibliográfico. Assim, mostra-se a importância da observação e análise documental para a pesquisa qualitativa (DENCKER, 1998).

O acervo documental consultado foi preferentemente examinado pela internet e livros físicos, com preferência por artigos que constassem estudos sobre espaço urbano turístico com o foco em logradouros, e além disso, que houvessem seus conceitos explanados pelo autor Roberto Boullón. Vale ressaltar a importância de Boullón (2002) e sua síntese sobre todo o sistema do espaço turístico, o qual foi essencial para a categorização e divisão do presente estudo.

Em vista disso, a pesquisa foi desenvolvida com a finalidade de buscar entender o sentido de um logradouro dentro do espaço urbano turístico. Logo, toda a busca serve para, de fato, promover a praça como um lugar representativo com aspectos culturais e singulares.

4 RESULTADOS

Nesta próxima seção os dados obtidos a partir dos objetivos específicos serão apresentados e analisados com o auxílio de alguns exemplos baseado em autores. De modo geral, se os resultados se referem à descrição dos fatos verificados no corpus estudado, então a discussão gira em torno de pontos a serem interpretados sobre esses fatos (SWALES e FEAK, 2004).

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRAÇA HELIODORO BALBI E SUA RELAÇÃO SOCIAL COM O ENTORNO

A praça Heliodoro Balbi, popularmente conhecida como Praça da Polícia, teve seu surgimento na fase áurea da borracha na cidade de Manaus, capital do Amazonas. Este ciclo, que corresponde à extração e comercialização do látex para a produção da borracha, marcou uma etapa de importante relevância para a cidade pois proporcionou a movimentação da economia e a partir disso o desenvolvimento de Manaus. Esse desenvolvimento infraestrutural ficou conhecido como “Belle Époque” pois todo o modelo da cidade foi desenhado para seguir os padrões europeus e dessa forma Manaus foi preenchida com museus, praças e cinemas (AGUIAR, 2002).

Antes de ser conhecida como um logradouro público, com os elementos de seu entorno, o local não passava de um vasto campo sem estrutura que pudesse acolher a população. Loureiro (2009) conta que, até 1868, a área da praça ainda estava coberta por mata (figura 1), mas o calçamento de paralelepípedos se aproximava vindo pela rua Brasileira, atual Sete de Setembro. Em 1872 o calçamento alcançou o igarapé do Aterro que, anos depois, foi aterrado para dar lugar à atual av. Getúlio Vargas. A praça, ainda um grande terreno, surgiu nesse período com o nome de 28 de Setembro, homenagem à Lei do Ventre Livre, promulgada no ano anterior. Interligado à praça, o Palacete Provincial começou a ser construído em 1869 para nele funcionar a Assembleia Provincial. Somente anos depois o prédio recebeu o Batalhão da Polícia Estadual, quando então a praça passou a ser chamada de praça da Polícia (FERREIRA, 2022).

Loureiro (2009) destaca que o fato histórico mais importante ocorrido na praça foi quando, da sacada do Palacete Provincial, o presidente da província

Theodore de Faria Souto proclamou a Igualdade de Direitos no Amazonas, que declarava a população negra livre, em 10 de julho de 1884, se antecipando em quatro anos ao restante do país.

Figura 1: Vista do Palacete Provincial



Fonte: Instituto Durango Duarte, 2009.

Durango Duarte em "*Manaus: Entre o Passado e o Presente (2009)*" conta que a abertura da praça se iniciou em 1872 quando José de Miranda Reis, atual presidente da província, encomendou mudas de palmeiras a partir de uma Mensagem Anual apresentada ao Congresso Legislativo para arborizar a praça do Palacete Provincial, ou como era conhecida, praça do Palacete. Nesta mesma mensagem, José Miranda apresenta outra designação a esse logradouro: Praça 28 de Setembro. Segundo Mario Ypiranga, em sua obra "*Roteiro histórico de Manaus (1998)*", este nome teria sido dado pelo Legislativo Municipal em 1872, em homenagem à Lei do Ventre-Livre (DUARTE, 2009).

Duarte (2009) conta que em meados de 1886, devido a inauguração do Liceu Amazonense, atualmente Colégio Amazonense Dom Pedro III, a praça passou então a ser chamada de Largo do Liceu. Com a anunciação da primeira da primeira Constituição do Estado do Amazonas, em 1891, a praça também recebeu uma nova nomenclatura em referência a este marco histórico: Praça da Constituição (figura 2).

Mesmo este logradouro sendo conhecido como "praça", o espaço ainda era somente um grande campo sem muitas regalias e sem pavimentação

alguma. Foi somente em 1895 que a Repartição de Obras Públicas do Governo do Estado realizou o calçamento da praça com paralelepípedos de granito (DUARTE, 2009).

Figura 2: Formação do Regime Militar na "Praça da Constituição"



Fonte: Instituto Durango Duarte, 2009.

De acordo com Robério Braga (2004) *apud* Duarte (2009), foi também em 1895, a partir da instalação dos trilhos da linha de bonde para a ligação da atual avenida Sete de Setembro, que se dividiu a área dessa praça. Somente em 1897, a Intendência Municipal autorizou que pudessem ser comprados bancos para serem instalados neste logradouro.

Já em 1906, determinou-se que a praça da Constituição seria um parque. Dessa forma, Adolpho Lisboa contratou o botânico Oscar Labroy, do francês Museu de Mezion de Paris, para ser o responsável pelo novo projeto. No lugar seriam estruturados: jardins; um coreto de ferro decorado de candelabros e cristais coloridos; um lago artificial cortado por uma ponte de cimento; uma fonte de ferro; esculturas dos deuses romanos Diana, da caça e Mercúrio, do Comércio, de uma ninfa e de uma luta entre um cão e um javali. Essa reinauguração ocorreu um ano depois, em 1907, no dia do aniversário do então governador do Amazonas, Constantino Nery, que havia indicado Adolpho Lisboa para seu atual cargo (DUARTE, 2009).

Anos depois, o logradouro sofreu diversas remodelagens por conta de administrações distintas. Quando esteve sob o olhar de Jorge de Moraes (1911 a 1913), recebeu reformas nos canteiros e plantações de novas espécies de vegetais. Em 1914, os alunos do antigo Liceu Amazonense, atual Gymnasio Amazonense, cuidaram da praça e podia-se observar roseiras e plantas

variadas. Em meados de 1920, nela foi instalado 77 bancos de madeira e teve sua iluminação melhorada (DUARTE, 2009).

De acordo com Durango Duarte (2009), sua próxima nomenclatura aconteceu a partir de uma Lei Municipal em 1922, a denominando de praça Gonçalves Ledo em homenagem a Joaquim Gonçalves, um político carioca. Em 1930, uma parte da praça foi dividida como um jardim independente, sendo anos depois conhecido como praça Roosevelt. Ainda neste mesmo ano, a nomenclatura do logradouro foi novamente alterada para praça João Pessoa, desta vez homenageando o ex-governador da Paraíba. Quatro anos depois, uma nova reforma foi realizada quando a cascata instalada na administração de Adolpho Lisboa se demoliu. Em 1950, instalaram o Pavilhão São Jorge no jardim próximo à praça, hoje popularmente conhecido como Café do Pina.

Sua atual nomenclatura “Heliodoro Balbi” foi oficializada na gestão municipal de Aluízio Marques Brasil. Heliodoro foi um membro fundador da Sociedade Amazonense de Homens de Letras, atual Academia Amazonense de Letras (AAL), onde ocupou a Cadeira de número 2. Em 22 de novembro de 1954, a praça foi sede do mais importante movimento literário amazonense: o Clube da Madrugada (DUARTE, 2009).

O popular Clube da Madrugada surgiu na década de 50, sendo conhecido como um dos maiores movimentos artísticos e literários do Amazonas que usou como exemplo, mesmo que tardio, a Semana de Arte Moderna, em São Paulo. Assim ressalta Aguiar (2002, p. 81) “o movimento literário veio com o propósito de inovar, de transformar o estilo da produção literária local”. Antenado com as tendências literárias da época, que predominavam nas outras regiões do país, principalmente do Nordeste e Sudeste (*O Jornal*, 23 de dezembro de 1956, p. 14).

Aguiar (2002) relata que a praça se transformou em um espaço de encontro, referência de atividades culturais e ponto de intelectualidade principalmente depois da criação do Clube da Madrugada. Porém, antes disso, o ponto de encontros na praça era conhecido como Café do Pina (figura 3), que após construído teve imediato sucesso pois:

Em primeiro lugar, sua localização, nas vizinhanças de dois cinemas, três colégios, um quartel, e mais, da então concorridíssima praça da Polícia; segundo, a excelência de seu café, talvez o melhor da cidade;

e, finalmente, a simpatia do proprietário, o português Jose Brito Pina, extrovertido e conversador, que em pouco tempo chamava cada um dos frequentadores pelo nome. Batizado oficialmente como Pavilhão S. Jorge, o barzinho era conhecido popularmente como Café do Pina, e mais tarde, por República Livre do Pina, por constituir um microcosmo onde se reunia o que havia de mais representativo na cidade, para discutir livremente a respeito de tudo. Eram intelectuais, políticos, jornalistas, boêmios e estudantes que faziam dali o seu ponto de encontro diário. Muitos, como eu, compareciam duas vezes, ao fim da tarde e à noite. O Pina era nossa cachaça ou entorpecente. Se não tomássemos a dose diária, ficávamos inquietos e com uma sensação de vazio (Péres, 1984, p. 217 *apud* Aguiar, 2002, p. 73).

Dessa maneira, a praça em conjunto com o Café do Pina traçou pontos significativos para os frequentadores do local, desde passantes ocasionais, que faziam da praça um lugar de passeio, àqueles que frequentavam de forma assídua e transformavam em matéria de jornal as transformações que ocorriam no espaço. A união destes dois fizeram com que o local deixasse de ser apenas um espaço comum para ser constituído como referência e abrigo dos grupos que eram envolvidos com atividades culturais e políticas (AGUIAR, 2002).

Figura 3: Pavilhão São Jorge ou Café do Pina da década de 50



Fonte: Instituto Durango Duarte, 2009.

A importância do Café do Pina para a praça mostrou-se a partir de sua relevância para encontros de coletividade. Neste caso, é importante pontuar que haviam duas referências locais que movimentaram o fluxo de moradores no

espaço arborizado, o Café juntamente ao Clube possibilitou uma vivência onde foi possível observar que, por volta das décadas de 45 e 65 (figura 4), a praça Heliodoro Balbi foi reconhecida como a praça principal da cidade de Manaus. Assim destaca Anísio Mello (1998), artista plástico e aluno do Colégio Estadual nos anos 40, entrevistado na obra de José Vicente Aguiar (2009, p. 76):

Tudo que se queria fazer levava-se para a Praça da Polícia. Quando era uma festa maior, oficial, desfiles de 5 e 7 de setembro e outros, eram feitos em praças sem arborização, como a Praça General Osório, em frente ao Colégio Militar hoje; Praça da Saudade, Praça São Sebastião. Mas a Praça da Polícia era a mais frequentada onde, depois das 5 horas da tarde, as pessoas iam passear e procurar amigos para se encontrarem e conversar. A praça do Ginásio, como nós dizíamos antigamente.

Anísio de Mello, ainda na entrevista, discorre sobre a razão da procura maior do público sobre o lugar: sua centralidade geográfica. A localização da praça era central e acessível aos usuários de bondes e ônibus que se deslocavam dos bairros e convergiam para a praça para passear e tomar sorvete.

Figura 4: Crianças brincando na Praça Heliodoro Balbi na década de 60



Fonte: Manaus na História, 2022.

Ou seja, o estudo vem com o propósito de mostrar como a praça em questão, Heliodoro Balbi, teve seu desígnio ao proporcionar lazer para a população manauara aos longos dos passados anos. Mesmo com seu estado atual, ainda é possível notar algumas de suas características antigas que seriam utilitárias na possibilidade de ler a praça como, de fato, um espaço propenso para turistas. Entendendo o turismo como nobre atividade de lazer, é possível

avaliar que essa ação em um espaço urbano centrado com apoio de outros atrativos aos redores seria possível permitir a socialização, integração e ainda proporcionar lazer a comunidade local e aos turistas.

Atualmente, no presente ano desse estudo, a configuração da praça é composta pela junção das três praças (Praça Heliodoro Balbi, Praça Gonçalves Dias e Praça Roosevelt) que antes eram separadas, formando somente a Praça Heliodoro Balbi, popularmente conhecida como Praça da Polícia entre os moradores manauaras. Por conta da evolução e crescimento dos comércios no entorno da praça, é notório observar as novas atribuições que a praça recebeu ao longo dos anos, antes sendo um espaço de lazer para agora ser um local de rápida parada para refrescar-se ou apenas um local de passagem para o Palacete Provincial, atrativo turístico já citado no texto.

O Palacete Provincial surgiu com o propósito inicial de ser uma residência de uma família, porém o edifício foi vendido para o Governo Provincial que necessitava de espaços para que pudessem sediar repartições públicas. Depois do término de sua construção, nele foram instalados o Liceu Provincial, a Biblioteca Pública, a Assembleia Provincial e a Repartição das Obras Públicas. Em meados de 1889, o edifício foi entregue a Polícia Militar do Amazonas para que sediassem o Batalhão Militar do Amazonas, que residiu no prédio até 2002. No local, funcionaram também um presídio e o Corpo de Bombeiros, visto que, por um determinado período de tempo o Corpo de Bombeiro e a Polícia Militar funcionavam juntos (MELO, 2021).

No ano de 2002, o governador Amazonino Mendes decretou que, após cerca de 103 anos, a Polícia Militar deixaria o prédio que seria sediado pela Secretaria de Estado de Cultura a partir de então. Houve relutância por parte da corporação militar em deixar o local, dessa forma, foi somente em 2006 que o prédio começou, de fato, a ser administrado pela Secretaria. Porém, foi somente durante o governo de Eduardo Braga que o Palacete Provincial, juntamente a praça Heliodoro Balbi, foram restaurados. A partir dessa restauração foram instalados cinco museus que permanecem fixos até hoje: Museu de Arqueologia, Museu Tiradentes da Polícia Militar do Amazonas, Museu de Numismática do Amazonas, Pinacoteca do Estado e Museu de Imagem e Som do Amazonas (MISAM). Além dos museus, o edifício também abriga um novo formato do histórico Café do Pina, um restauro de obras de arte, um laboratório de

arqueologia, reservas técnicas e duas galerias para exposições temporárias. Deste modo, o local passou a ser considerado um Centro Cultural pois, além de constar com cinco museus, também é palco de manifestações culturais (MELO, 2021).

Em um estudo de observação local, é possível observar a importância do Palacete Provincial a partir de seus museus. Em uma ordem de visita, o primeiro a ser apresentado com a ajuda de um condutor cultural é o Museu de Arqueologia (figura 05), que consiste em uma exposição que apresenta fragmentos arqueológicos encontrados na região amazônica; ferramentas e utensílios utilizados na coleta, bem como dados acerca da função do arqueólogo; e formas de sepultamentos indígenas.

Figura 5: Museu de Arqueologia



Fonte: Sara Xavier, 2022.

Em seguida, o Museu Tiradentes da Polícia Militar do Amazonas (figura 06) exibe a história da corporação da militar no Estado do Amazonas. O espaço é composto por duas salas onde, na primeira sala, temos uma representação da sala do Comando Geral com móveis da época em que a polícia residia no prédio

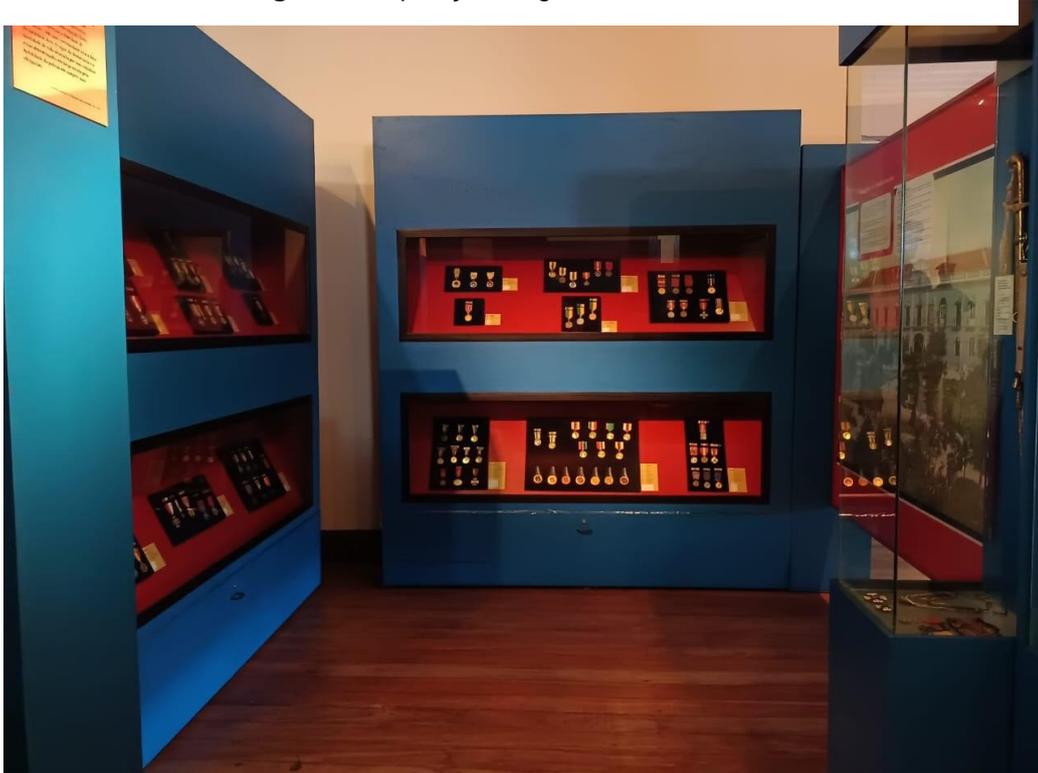
além de abrigar o arquivo integrado, livros de registros individuais dos membros da corporação e, na segunda sala, podemos encontrar uma exposição autoexplicativa, denominada *Flagrantes da História* (figura 07), que relata a história da Polícia Militar do Amazonas desde suas origens e também é possível observar armamentos, instrumentos utilizados pela fanfarra da Polícia Militar e equipamentos utilizados pelo Corpo de Bombeiros Militar.

Figura 6: Museu Tiradentes da Polícia Militar do Amazonas



Fonte: Sara Xavier, 2022.

Figura 7: Exposição Flagrantes da História



Fonte: Sara Xavier, 2022.

O Museu de Numismática de Bernardo Ramos (figura 08) é apresentado logo em seguida com um grandioso acervo de moedas internacionais e nacionais divididos em duas salas (figura 09). No espaço é possível encontrar moedas da Grécia Antiga, Império Romano, Brasil Colônia, Brasil Império, condecorações e a evolução das cédulas no Brasil.

Figura 9: Primeiro salão do Museu de Numismática de Bernardo Ramos



Fonte: Sara Xavier, 2022.

Figura 8: Segundo salão do Museu de Numismática de Bernardo Ramos



Fonte: Sara Xavier, 2022

No térreo do edifício, logo após, ficam a Pinacoteca do Estado do Amazonas (figura 10) e o Museu de Imagem e Som do Amazonas – MISAM (figura 11). A Pinacoteca é uma galeria de artes que foi instituída em 1985 de uma iniciativa do Clube da Madrugada, importante movimento para a cena literária e artística amazonense já citada no texto. O local possui um acervo com mais de duas mil peças técnicas variadas, com ênfase em artistas manauaras.

O Museu de Imagem e Som do Amazonas (figura 11), popularmente conhecido como MISAM, possui três exposições sendo elas um recorte da história do Cinema Guarany (cinema que fazia parte do entorno da praça Heliodoro Balbi antigamente), a história de Silvino Santos, que foi o pioneiro na cinematográfica amazônica, e uma exposição de câmeras fotográficas de diferentes épocas denominada Exposição Máquinas do Tempo.

Figura 10: Pinacoteca do Estado do Amazonas



Fonte: Sara Xavier, 2022.

Figura 11: Museu de Imagem e Som do Amazonas

Fonte: Sara Xavier, 2022.

Além do Palacete Provincial, atualmente o que se resta do passado e permanece em seu devido lugar é o Colégio Amazonense Dom Pedro II, onde em 1914 seus alunos cuidaram da praça e ajudaram na sua limpeza visual plantando flores no local. No momento os maiores frequentadores da praça são os alunos, que diariamente sentam nos bancos da praça durante o intervalo ou no horário de saída para papear ou esperar por seu ônibus.

Os antigos cinemas já não existem mais, e deve-se fazer uma menção honrosa para o Cine Guarany, que foi importante para o movimento de cultura audiovisual na cidade de Manaus e para a Praça Heliodoro Balbi. Segundo Aguiar (2002), durante certa semana do ano, o Guarany produzia um evento com sessões ao ar livre voltadas para a praça Heliodoro Balbi, onde também distribuía brindes como forma de cativar a população manauara. A história do cinema e sua importância para a cidade também é descrita em um dos museus do Palacete Provincial. Atualmente, é possível encontrar um banco Itaú no lugar que o prédio do cinema se localizava.

Ou seja, mesmo que a configuração da praça não seja a mesma de décadas atrás, existem elementos atrativos que poderiam cativar a comunidade e turistas. O Palacete Provincial atua como um excelente elemento do entorno da praça, ajudando na passagem de turistas e moradores pela praça. No próximo subcapítulo essa nova configuração da praça será analisada de forma que seja possível interpretar sua possível potencialidade turística.

4.2 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DA PRAÇA HELIODORO BALBI ENQUANTO POTÊNCIA TURÍSTICA

Para avaliar a infraestrutura da praça Heliodoro Balbi e seu entorno foi preciso elaborar uma ficha de observação (Apêndice A) para que fosse pertinente pontuar as características existentes nos locais observados de acordo com os autores citados neste trabalho.

A praça é um logradouro que se encontra em uma bifurcação da rua José Paraguaçu e das avenidas Sete de Setembro e Floriano Peixoto, zona sul da cidade de Manaus, agrupando-se no núcleo do Centro Histórico no qual é caracterizado como um produto e território do espaço turístico (BOULLÓN, 2002).

De acordo com a pesquisa in loco, verificou-se por meio da observação que o entorno do logradouro pode ser caracterizado por edificações de uso comercial/institucional/híbrido, como é possível notar ao ter uma visão panorâmica da praça e observar a movimentação que o Palacete Provincial, Colégio Amazonense Dom Pedro II e as lojas variadas do centro causam no local. Além dos edifícios, a praça ainda possui seus jardins e árvores (figura 12), mesmo que não mais na mesma intensidade e quantidade que antigamente. Também pode-se identificar a presença de lixeiras (figura 13), calçadas desniveladas e danificadas (figura 14) e iluminação pública (figura 15) no entorno da praça. É importante pontuar características como essas para avaliar a agradabilidade estética e os serviços urbanos oferecidos para a comunidade e turistas como um todo (CASTROGIOVANNI, 2013).

Figura 12: Jardins e árvores



Fonte: Sara Xavier, 2022

Figura 13: Lixeiras



Fonte: Sara Xavier, 2022

Figura 14: Calçadas danificadas



Fonte: Sara Xavier, 2022

Figura 15: Poste de iluminação pública



Fonte: Sara Xavier, 2022

A tipificação das edificações históricas é considerável para Boullón (2002) pois é viável constatar o nível socioeconômico destes espaços que compõem a

praça Heliodoro Balbi. O Colégio Amazonense Dom Pedro II é adicionado na categoria Institucional por ser uma rede de ensino pública. O Palacete Provincial pode ser adicionado na categoria de Edificação Híbrida por ser administrado pelo Estado do Amazonas oferecendo entretenimento a partir do lazer cultural.

Boullón (2002) e Lefebvre (1974) pontuam o estilo arquitetônico como uma característica do espaço percebido. No centro histórico de Manaus é comum observar edificações históricas predominantemente ecléticas, porém o Palacete Provincial e o Colégio Amazonense Dom Pedro II se encontram na categoria de edifícios neoclássicos.

Como citado antes no trabalho, décadas atrás a praça era um ponto de encontro da população servindo como local de ócio e atividades diversas dos moradores manauaras. Dessa forma, era possível notar a presença de atrativos como o Café do Pina e o Cine Guarany. No momento presente, foi observado que os atrativos da praça são o Palacete Provincial e o Colégio Amazonense Dom Pedro II. De acordo com Boullón (2002), a praça é um logradouro em que o turista pode entrar e percorrer livremente, ou seja, pode existir um aproveitamento turístico por meio da roteirização. Na tese “Turismo urbano e logradouros: olhar interpretativo das avenidas em Centros Históricos na perspectiva de conjunto”, Guimarães (2021, p. 29) cita que:

Não é oferecido ao visitante opções de roteiros que contém parte da história da cidade através de um passeio por uma de suas avenidas apresentando a evolução histórico-cultural das edificações com sua malha viária. Fomentar uma nova imagem ao Centro Histórico, expandindo a percepção sobre o patrimônio cultural presente na cidade, para além das edificações, é um desafio necessário, pois a inalterabilidade em divulgar sempre a mesma coisa, acaba limitando as gerações atuais de mais conhecimento sobre o patrimônio local, o que acaba por dificultar o surgimento de novos roteiros turísticos para qualificar a experiência vivida em Centros Históricos no Brasil e no mundo.

Não existe roteirização oficialmente divulgada por órgãos ou agências de Turismo pelas praças ou avenidas mais famosas do Centro Histórico de Manaus, muito menos neste objeto de estudo. Por meio de observações feitas durante o período em que estagiei como condutora cultural no Palacete Provincial (2018-2022), foi possível notar a existência de roteiros não divulgados oficialmente por órgãos de Turismo, sendo oferecidos por meio de uma página na rede social “Instagram”. O nome da página chama-se “Manaus de Antigamente” e oferece

diversos roteiros, até mesmo alguns que incluem atrativos como a praça Heliodoro Balbi, Palacete Provincial e outros integrantes da avenida Sete de Setembro. Ou seja, a página não é uma agência, mas somente uma pessoa divulgando informações e fazendo o serviço de roteirização. Mesmo que esses roteiros existam, de alguma forma eles não estão acessíveis à turistas, que não possuem o conhecimento de como e onde localizá-los.

Consequente, durante a pesquisa in loco verificou-se que o fluxo na praça é misto, podendo haver moradores locais, ambulantes e turistas. É muito comum o grande fluxo de ambulantes pelo Centro Histórico, e na praça Heliodoro Balbi não é diferente. No entorno da praça encontra-se um ponto de ônibus onde moradores (principalmente os alunos no Colégio Amazonense Dom Pedro II) e turistas fazem uso do transporte público, e esses ambulantes tem a oportunidade de vender água e produtos diversos. Como a praça está situada no meio de uma grande movimentação por conta de lojas, o fluxo de moradores é relevante para ser pontuado. E, por último, o fluxo de turistas se dá devido aos museus existentes no Palacete Provincial ou até mesmo como apenas um ponto de caminho para outros atrativos situados na avenida Sete de Setembro.

Outro ponto importante analisado na ficha de observação é a acessibilidade da praça. A acessibilidade engloba itens como piso tátil, recuo para cadeirantes, rampas, estado de conservação da praça, e estacionamento para residentes e turistas. Em relação ao piso tátil (figura 16) na Praça Heliodoro Balbi, foi observado que uma pessoa com deficiência visual teria dificuldade para localizá-lo dependendo de qual lado da praça estivesse transitando pois o piso é encontrado apenas no lado da avenida Sete de Setembro, próximo às faixas de pedestres, e de uma forma limitada dificultando a chegada da pessoa ao, por exemplo, Palacete Provincial. O recuo para cadeirantes (figura 17) são formas adaptadas com cimento, existindo dois nas extremidades da praça pelo lado da avenida Sete de Setembro, e dois pelo lado da rua José Paranaguá. Ou seja, acessar o Palacete Provincial seria de extrema dificuldade para pessoas com deficiência. Na praça existe a opção de transitar por rampas (figura 18) e por escadas.

Figura 16: Piso tátil



Fonte: Sara Xavier, 2022

Figura 17: Recuo para cadeirantes improvisado na calçada



Fonte: Sara Xavier, 2022

Figura 18: Rampas e escadas de acesso

Fonte: Sara Xavier, 2022

A partir da observação in loco, também verificou-se que o estado de conservação da praça é razoável, pois ela é limpa com frequência e existe uma quantidade relevante de lixeiras espalhadas por ela. Por exemplo, existe um programa da SEAP (Secretaria de Estado de Administração Penitenciária) onde presos (figura 19) em regime semiaberto integram equipes que proporcionam a manutenção de praças. A praça Heliodoro Balbi foi incluída na lista e recebeu limpezas do solo por conta das folhagens e lixos, pinturas e manutenções diversas. Fora esse detalhe, falta o cuidado com a jardinagem da praça pois, apesar da grande quantidade de árvores, o gramado (figura 20) é cheio de falhas e o lago da praça (figura 21) está constantemente sujo.

Figura 19: Presos em regime semiaberto limpando a Praça Heliodoro Balbi



Fonte: G1 Amazonas, 2020

Figura 20: Gramado da praça com falhas



Fonte: Sara Xavier, 2022

Figura 21: Lago da praça com sujeiras



Fonte: Sara Xavier, 2022

A partir da observação foi averiguado a inexistência de estacionamento na praça, nem para os moradores assim como para o uso exclusivo de turistas. Foi possível notar que as pessoas costumam deixar seus carros nas encostas sob o cuidado de flanelinhas. Os estacionamentos existentes no entorno são os de caráter privativo, onde precisa-se pagar uma devida taxa dependendo da quantidade de tempo que a pessoa precisará gastar. A sinalização turística na praça e para a praça também é inexistente, ou seja, no percurso até o Centro Histórico não existe a placa de coloração marrom indicando que a pessoa está próxima da praça Heliodoro Balbi, ou melhor, da Praça da Polícia. Existem algumas placas espalhadas pela praça, porém nenhuma de caráter turístico.

Os serviços e equipamentos de apoio ao Turismo incluídos na Ficha Observacional são os equipamentos de apoio de Castrogiovanni (2013), e seriam eles: bares, restaurantes, meios de hospedagem, bancos, artesanato, transporte (terminais), museus, igreja, espaço para eventos, centros de informação ao turista (CAT), farmácias, lojas de souvenirs, postos de gasolina e borracharia. Para a simplificação da listagem dos itens anteriores, foi montado um quadro para ter uma melhor visão desses serviços existentes e observados no entorno da praça.

Quadro 2: Serviços e equipamentos de apoio ao Turismo na Praça Heliodoro Balbi

Serviços Existentes (10 serviços)	Serviços Inexistentes (4 serviços)
Restaurantes (4) (Café do Pina; Fiorentina; Bob's Shakes; Restaurante Delícias Grill)	Igreja (0)
Bares e Lanchonetes (2) (Café do Pina e Bob's Shakes)	Centros de informação ao turista (0)
Meios de Hospedagem (2) (EcoSuites Hotel; Central Hotel Manaus)	Postos de gasolina (0)
Bancos (5) (Banco Bradesco; 2 Bancos Santander; Banco Safra; Banco Itaú)	Borracharia (0)
Artesanatos (1) (Feira de Artesanato Tenreiro Aranha)	
Transportes (terminais) (1) (Ponto de ônibus na Avenida Floriano Peixoto)	
Museus (5) (Museu de Arqueologia; Museu Tiradentes da Polícia Militar; Museu de Numismática; Pinacoteca do Estado do Amazonas; MISAM)	
Espaço para eventos (1) (Palacete Provincial)	
Farmácias (1) (F13 Farmácia)	
Lojas de souvenirs (1) (Feira de Artesanato Tenreiro Aranha)	

Fonte: Elaborado pela autora, 2022.

A última observação feita in loco foi a segurança turística e dos próprios cidadãos locais. Para tal detalhe, Castrogiovanni (2001, p. 25) afirma que “a imagem de um determinado lugar pode variar significativamente dependendo da formação e da sensibilidade de cada observador no tempo”, ou seja, apesar de todas as características de serviços necessários, a segurança pública faz-se

necessária para a formação de imagem da praça enquanto um lugar favorável de lazer. Contudo, observa-se um certo receio em deixar turistas, principalmente estrangeiros, transitando com itens como câmeras fotográficas pela praça. Verificou-se que existe uma equipe de segurança da SEC que transitam entre a praça e o Palacete Provincial, porém não há a certeza de que os turistas estarão realmente seguros e livres para usar aparelhos eletrônicos. Apesar disso, a proteção vigilante é temporária deixando a praça vulnerável e intransitável durante a noite. Além do perigo de furtos e assaltos, existe uma quantidade significativa de mulheres de programa e moradores de rua que também transitam pela praça. Mesmo que a segurança seja um detalhe que ocorra com frequência em outros pontos do Centro Histórico e de Manaus como um todo, a ideia inicial é detalhar onde e como alterar essa realidade.

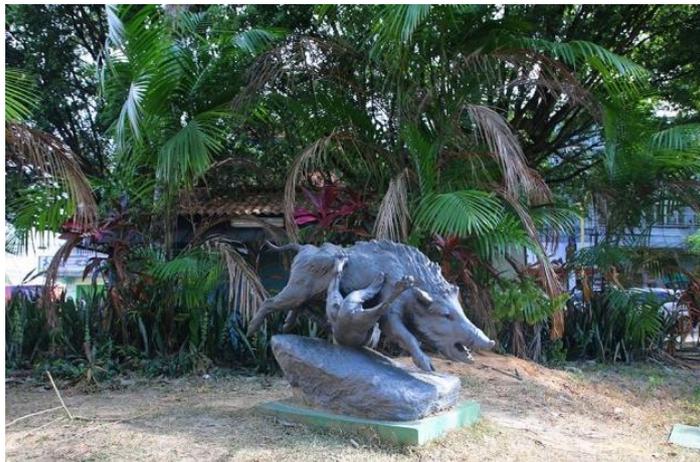
Além dos elementos atrativos do entorno da praça, nela ainda existem seus itens próprios – esculturas e coretos que foram postas na Praça ainda em seu período inicial – que restaram desde o seu desenvolvimento ao longo das décadas. As três curiosas esculturas e os dois coretos (figura 22) ainda decoram a praça mesmo depois de anos, e ainda se encontram em bom estado de conservação. A primeira escultura, “Diana, a caçadora” (figura 22), é feita em ferro fundido e sua representatividade parte da premissa de ser a rainha dos bosques. A segunda escultura, “O cão e o javali” (figura 23), também feitas do mesmo material, fazem alusão a mitologia do Javali de Cálidon, cujo o Rei de Cálidon Enéas, pai de Meleagro, recebeu um castigo da deusa Ártemis por não ter feito um sacrifício e que, por esta razão, a deusa mandou um terrível javali devastar, sem piedade, todas as plantações e rebanhos que encontrasse pela frente. A terceira se chama “A ninfa” (figura 24) e simboliza o cortejo de ninfas que acompanha a Deusa da Caça e dos Bosques, a Diana Caçadora. Todas as esculturas remetem à ideia de que a praça seja de fato um bosque com seus caminhos arborizados.

Figura 22: Coreto e escultura "Diana, a caçadora" na Praça Heliodoro Balbi



Fonte: Evany Nascimento, 2022

Figura 23: Escultura "O cão e o Javali" na Praça Heliodoro Balbi



Fonte: Evany Nascimento, 2022

Figura 24: Escultura "A ninfa" na Praça Heliodoro Balbi



Fonte: Evany Nascimento, 2022

À vista disso, esse conjunto de informações foram obtidas para construir a possibilidade de um diagnóstico deste logradouro para a oferta turística do Centro Histórico de Manaus, desta maneira também abrindo o olhar para as diversas e abandonadas praças da capital. E a partir de um diagnóstico, acionar um planejamento possibilitando o retorno das praças como lugar de turismo e lazer.

Mesmo não sendo o principal foco das atividades na cidade, o turismo urbano pode ser uma futura tendência em Manaus por conta da rotatividade de expansão de atividades turísticas possíveis de crescimento. Assim como ressalva Cruz (2001, p. 18): “os territórios eleitos pelo turismo na atualidade não são, em todos os casos, os mesmos de ontem, e não, necessariamente, serão os mesmos de amanhã”. Ou seja, os turistas definem a existência de um lugar turístico, porém, o lugar precisa do planejamento para ser configurado e frequentado. Assim como a Praça Heliodoro Balbi tem todas as possibilidades para ser preservada e frequentada como atrativo turístico.

Deste modo, conforme foi aplicado o modelo da ficha observacional na praça, verificou-se a possibilidade da formação de um conjunto de informações tratadas neste tópico 4.2. Além do detalhamento dessa observação in locus a partir da ficha observacional, também foi viável a criação de um diagnóstico sistematizado da Praça Heliodoro Balbi como um logradouro e elemento da composição da oferta turística. A elaboração do diagnóstico foi descrita em um quadro sintético, descrito a seguir:

Quadro 3: Diagnóstico turístico da Praça Heliodoro Balbi

LOGRADOURO	PRAÇA HELIODORO BALBI
ASPECTOS MORFOLÓGICOS DE CONJUNTO	<ul style="list-style-type: none"> <li data-bbox="858 306 1366 705">➤ Ambiência histórica e contemporânea na perspectiva de conjunto: Contexto evolutivo em conjunto com a cidade de Manaus no período áureo da borracha (séculos XIX e XX), assim como seu patrimônio edificado do entorno. Observado com mais detalhes no tópico 4.1; <li data-bbox="858 763 1366 1391">➤ Caracterização do logradouro: Aberto e público; Rua José Paranaguá e avenidas Sete de Setembro e Floriano Peixoto; Zona Sul; Bairro Centro; Núcleo do Centro Histórico de Manaus; Praça com fluxo de moradores locais e turistas; Edificações existentes de uso comercial, híbrido e institucional; Iluminação pública convencional de LED; Calçadas de argamassa, cimento e pedras; presença de bastante árvores; 1 parada de ônibus e lixeiras. <li data-bbox="858 1449 1366 1666">➤ Pavimentação atual e original: Atualmente, ainda existe uma grande predominância da pavimentação antiga feita de pedras com alguns resquícios de cimento e argamassa. <li data-bbox="858 1724 1366 1993">➤ Predominância do estilo arquitetônico e uso do patrimônio edificado de interesse para preservação: Edificações históricas de estilo neoclássico com uso institucional e híbrido.

<p style="text-align: center;">DIMENSÃO INTERPRETATIVA PATRIMONIAL</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Placa informativa sobre o Clube da Madrugada e indicativa de esculturas presentes na praça ➤ Não há mídias pessoais e impessoais sobre a historicidade do logradouro.
<p style="text-align: center;">DIMENSÃO TURÍSTICA</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Atrativos e roteiros turísticos existentes: 2 atrativos consolidados (Colégio Amazonense Dom Pedro II e Centro Cultural Palacete Provincial); Roteiros existentes, porém, de cunho informal não divulgados por órgãos oficiais de Turismo. ➤ Sinalização turística: Inexistente. ➤ Acessibilidade: Estacionamentos privativos no entorno do logradouro, sem a presença de estacionamento exclusivo para veículos de Turismo; Existência de recuos para cadeiras improvisados com cimento na calçada do logradouro; Existência de piso tátil, porém, de forma incompleta em sua extensão e em péssimo estado de conservação, além de estar fixo em local de grande fluxo de pedestres podendo gerar dificuldades de transição para uma pessoa com deficiência.
	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Serviços e equipamentos de apoio ao turismo: 2 – meios de hospedagem (EcoSuites Hotel; Central Hotel Manaus); 2 –

<p style="text-align: center;">DIMENSÃO TURÍSTICA</p>	<p>restaurantes (Fiorentina; Restaurante Delícias Grill); 2 – bares e lanchonetes (Café do Pina e Bob's Shakes); 5 – bancos (Banco Bradesco; 2 Bancos Santander; Banco Safra; Banco Itaú); 1 – artesanatos (Feira de Artesanato Tenreiro Aranha); 1 – terminais (Ponto de ônibus na Avenida Floriano Peixoto); 5 – museus (Museu de Arqueologia; Museu Tiradentes da Polícia Militar; Museu de Numismática; Pinacoteca do Estado do Amazonas; MISAM); 1 – espaço para eventos (Centro Cultural Palacete Provincial); 1 – farmácia (F13 Farmácia); 1 – lojas de souvenirs (Feira de Artesanato Tenreiro Aranha).</p>
--	--

Fonte: Elaborado pela autora com base na ficha observacional (Apêndice A).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de investigação desse estudo partiu da premissa conflitante ao observar uma praça repleta de histórias, beleza e significados perder seu brilho ao longo dos anos, deste modo desperdiçando a oportunidade de ser vista como um cartão-postal de Manaus por problemas de segurança, falta de inclusão em roteirizações turísticas e eventos. Além da preocupação com a praça, a falta de estudos sobre o turismo urbano em Manaus facilitou que este tema fosse pertinente.

A elaboração das bases teóricas consistira nos conceitos de espaço urbano, patrimônio cultural edificado, patrimônio urbano, praças, e logradouros como elementos da atratividade turística. A partir disso, os objetivos propostos alcançados foram: resgate da historicidade da Praça Heliodoro Balbi e a relação com o patrimônio edificado protegido do seu entorno; avaliação da infraestrutura turística e de apoio do logradouro e seu entorno; interpretação dos elementos que integrariam a possível potencialidade turística da Praça Heliodoro Balbi. Com as respostas a esses objetivos, os resultados dessa pesquisa foram trilhados e concluídos. Boullón (2002) foi o principal teórico colaborando com seu estudo sobre a teoria do espaço turístico, assim como Guimarães (2021) e sua análise em tese sobre logradouros, nesse caso ruas e avenidas, como elementos da atratividade turística.

Assim sendo, foi observado que a praça tem potencialidades como um elemento da atratividade turística urbana no Centro Histórico de Manaus por se integrar nas características estudadas e obter sucesso quando tratado sobre historicidade e serviços e equipamentos de apoio ao Turismo. Apesar disso, ainda existem pontos a serem tratados quanto às melhorias da praça. Mesmo sendo um detalhe que ocorre frequentemente, a acessibilidade e segurança na praça ficaram em falta, tanto em pisos táteis quanto em rampas para cadeirantes com acesso ao Palacete Provincial.

Embora tenham cinco museus no Palacete Provincial, nota-se a falta de informações sobre a praça que concede espaço a essa edificação histórica. Além disso, é evidente a importância de um roteiro turístico no Centro Histórico que promova a significância da localidade histórica, incluindo seu entorno por completo e não só o Centro Cultural Palacete Provincial. Além disso, é

recomendável planejamentos interpretativos de eventos artísticos e musicais na praça ou no Palacete Provincial, porém que utilize a praça como meio atrativo. Por exemplo, apresentações musicais ou teatrais nos coretos com bancas de artesanatos e comidas presentes. Também é recomendável a inserção de mídias pessoais e impessoais na Praça. Um exemplo seria incluir a possibilidade de vender livros sobre a história da Praça e seu entorno nos sebos existentes no logradouro.

A presente pesquisa pretendeu contribuir com informações históricas e técnicas sobre um logradouro, nesse caso, a praça Heliodoro Balbi, apresentando uma literatura a respeito do turismo urbano. Como contribuição, essa pesquisa apresenta subsídios que possam sensibilizar gestores de Turismo a visibilizar a prática turística urbana em logradouros. Conjuntamente, existe a possibilidade de estudiosos de Turismo usarem esses parâmetros para novas análises de logradouros não só no Centro Histórico, mas abrangendo para a cidade de Manaus como um todo.

Portanto, mesmo que o turismo urbano em Manaus não seja pertinente, mas sim atividades como ecoturismo no Amazonas, é preciso fomentar o turismo na cidade abrangendo a conexão entre natureza e urbano. A natureza em si é de extrema importância para o Estado assim como para a capital, porém existe uma quantidade de riqueza urbana intactos com grande potencialidade histórica. Um novo olhar do Turismo sob a perspectiva urbana aumentaria a possibilidade de roteiros turístico ajudando a incrementar a experiência do turista na cidade.

REFERÊNCIAS

BARRETTO, M. **Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento**. 4. ed. Campinas: Papyrus, 2003.

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

BRAGA, Robério. Praça da Polícia. **A Crítica**, Manaus, 18 set. 2004. Cidade, p. 2.

BRASIL. **Governo Federal**. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br>. Acesso em 14 abr. 2022.

CARLOS, A. F. A. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.

CASTROGIOVANNI, A.C. O produto cidade: caminhos de cultura, caminhos de turismo. In: CASTROGIOVANNI, A.C.(Org). **Turismo urbano**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

CASTROGIOVANNI, A.C. **Turismo, Organização e Reconstrução do Espaço Urbano Contemporâneo**. Revista Rosa dos Ventos, 5(3), jul-set, 2013.

CASTROGIOVANNI, A.C. Turismo e ordenação no espaço urbano. In: **Turismo urbano**. São Paulo: Contexto, 2001.

CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CRUZ, Rita de Cássia. **Política de Turismo e Território**. São Paulo: Contexto, 2001.

DIAS, R. **Planejamento do turismo: política e desenvolvimento do turismo no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2003.

DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingos; NETO, Generoso De Angelis; MOTA, Christiane Rodrigues; SCAPIN, Cláudia Regina; MANO, Lúcia Riyoko; SCHIAVON, Valdemir Sérgio; HOFFMANN, Alessandra Corsato; SAVI, Elise; SILVA, Geisamaria Ferreira de Freitas da; RECCO, Lígia Helena; BARCOS, Mariandi; SANTANA, Mariângela; FANTINI, Paloma Rodriguez; DOMINGUES, Renata; BARBEIRO, Thaís Longhini e YUASSA, Vanessa Naomi. **Avaliação das praças de Maringá, Estado do Paraná, Brasil**. Acta Sci. Agron. Maringá, v. 27, n. 4, p. 629-638, Oct./Dec., 2005.

DE SOUZA AGUIAR, José Vicente. **Manaus: praça, café, colégio e cinema nos anos 50 e 60**. Editora Valer, 2002.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GUIMARÃES, Márcia Raquel Cavalcante. **Turismo urbano e logradouros: olhar interpretativo das avenidas em centros históricos na perspectiva de conjunto**. Balneário Camboriú: UNIVALI, 2021, 412p. anexos. (Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Turismo e Hotelaria da UNIVALI).

JACOBSEN, Alessandra de Linhares. **Metodologia científica (Orientação ao TCC)**. Santa Catarina: IFSC, 2016

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1993.

LEFEBVRE, H. **A cidade do capital**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LOUREIRO, Antônio José Souto. **AS PRAÇAS ANTIGAS DE MANAUS**. Manaus: Sem Editora, 2009.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer: uma introdução**. 2ª Ed. Ampl. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

MARCONI, M.D.A; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MINAYO, M.C. d. S.(org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 26 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MOURA, M. L. S., FERREIRA, M. C. & Paine, P. A. (1998). **Manual de elaboração de projetos de pesquisa**. EdUERJ.

MURTA, S. M.; ALBANO, C. **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: UFMG: Território Brasília, 2002.

NUNES, P. T. (2018). **Finanças Pessoais: Um estudo de caso em uma Instituição Religiosa**. Revista de Administração e Contabilidade da FAT, 9 (3).

SANTOS, M. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**/Edna Lúcia da Silva, Eстера Muszkat Menezes. – 3. ed. rev. atual. – Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. 121p.

SIVIERO, Ana Paula. **Elementos do espaço turístico urbano no processo de planejamento: Reflexões teóricas e articulações**. Curitiba: Editora UFPR, 2006.

SOUZA, S. B. A. et al. **Planejamento municipal e preservação do patrimônio cultural: conceitos básicos**. Brasília, [s.n.], 1982.

SWALES, J. M.; FEAK, C. B. **Academic writing for graduate students**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2004. 331 p.

UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. Brasília: IPHAN, 2003. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540_por. Acesso em 14 abr. 2022.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 2009.

APÊNDICE

Apêndice A - Ficha Observacional dos Logradouros

FICHA OBSERVACIONAL DOS LOGRADOUROS
Zona Sul: Centro Histórico de Manaus
Logradouro:
Extensão/Localização do GPS/Bairro:
Entorno do Logradouro: <input type="checkbox"/> Edificações de uso comercial/institucional/híbrido. <input type="checkbox"/> Áreas verdes (arborização). <input type="checkbox"/> Iluminação pública. <input type="checkbox"/> Lixeiras. <input type="checkbox"/> Jardins. <input type="checkbox"/> Calçada. <input type="checkbox"/> Iluminação pública.
Tipologia/Uso das edificações históricas: <input type="checkbox"/> Institucional <input type="checkbox"/> Comercial <input type="checkbox"/> Residencial <input type="checkbox"/> Outros: _____
Estilo arquitetônico predominante das edificações históricas:
Atrativos e roteiros turísticos:
Fluxo: <input type="checkbox"/> Morador local <input type="checkbox"/> Ambulantes <input type="checkbox"/> Turista

() Misto

Acessibilidade:

Sinalização Turística:

Serviços e Equipamentos de apoio ao Turismo:

Segurança: